

Crescem os problemas nas megacidades

“A grande batalha pela conservação da água será ganha ou perdida nas megacidades do mundo”. A advertência é de Klaus Toepfer, diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), no Fórum Mundial da Água. Já existem 23 megacidades no mundo, aquelas com mais de 10 milhões de habitantes, 18 das quais localizadas em países em desenvolvimento, entre elas, São Paulo. A cada ano, somam-se 60 milhões de novos habitantes a estas megacidades, seja por migração ou pelo crescimento vegetativo. Com isso, crescem as demandas por água e os problemas decorrentes da superexploração ou má gestão desses recursos hídricos.

Segundo Toepfer, metade das cidades européias já explora águas subterrâneas acima da sua capacidade de reposição natural e diversos países têm sérias dificuldades com a poluição destes aquíferos. Chega a ser assustadora a consequência da superexploração das águas subterrâneas na Cidade do México, que está literalmente afundando por causa da retirada excessiva da água do subsolo. O Brasil, com exceção do semi-árido nordestino, não sofre de escassez de água, mas tem sérios problemas com a poluição industrial, agrícola e com a falta de saneamento e o consequente despejo de esgotos in natura nos cursos d'água.

Soluções

“Até 2025, cerca de 5 bilhões de pessoas estarão vivendo em megacidades”, acrescenta o diretor do PNUMA. “Isso significa que qualquer solução para a crise da água está intimamente ligada à governabilidade de nossas cidades”. Muito além da simples urbanização, as dificuldades advêm da “imprecedente urbanização da pobreza”. Quer dizer, as cidades não estão se tornando apenas maiores, mas estão concentrando cada vez mais os socialmente excluídos.

A saída, para Toepfer, não está mais nas mãos das autoridades políticas ou econômicas, unicamente, mas depende de sistemas abertos, participativos e transparentes de administração.

(L.J.)